



Oficina 11: APRENDENDO A DIZER A PALAVRA DA PAZ

Objetivos

1. Desenvolver a consciência da importância e necessidade da comunicação e do debate na dinâmica da educação para a paz.
2. Exercitar-se na dinâmica de facilitar a comunicação e o debate.
3. Sistematizar conhecimentos de dinâmicas de comunicação e debate.

Desenvolvimento da oficina

Primeiro momento: integração

1. *Rodada afetuosa.* Trata-se de estimular as pessoas a sentirem-se bem dentro do grupo. Os participantes se distribuem pelo salão. Todos irão caminhando livremente sempre atentos a seus companheiros, tentando comunicar algo agradável. O facilitador dirá em voz alta como comunicar-se: com os olhos, com as mãos sem tocar, com a boca sem falar, etc.

Segundo momento: sensibilização

2. Memória da oficina anterior e apresentação dos objetivos desta.
3. *Diálogo de surdos.* Divide-se o grupo pela metade. Uma metade deixa a sala do encontro. Combina-se com os que permanecem uma pequena história comum, a ser contada para os que deixaram a sala. Com estes, dá-se a instrução de despertar sempre a atenção do outro e não colocar atenção ao que ela diz. De regresso, os participantes são colocados frente a frente, formando duplas. Simultaneamente dão início contando a pequena história. Ao finalizar a dinâmica se avalia o que aconteceu, se conseguiram comunicar-se e o que sentiram.
4. Partilha dos sentimentos pessoais, descobertas e percepções acerca da temática, suscitadas pela dinâmica.

Terceiro momento: aprofundamento da temática

5. Introdução do facilitador.

Um segundo pilar metodológico é a própria palavra. Como dizia Hannah Arendt, a violência é muda. Quando as pessoas são incapazes de dizerem sua palavra, a violência emerge como único discurso. Daí que a prevenção da violência passa pelo desenvolvimento da competência comunicativa. Ao mesmo tempo, num mundo conflitivo, a palavra e a linguagem emergem como instrumentos para a paz. É através da palavra que será possível construir a paz. Se a guerra é a negação e o extermínio do outro, o debate argumentativo é a admissão da figura do outro no seio do espaço público como interlocutor competente, pressupondo o dissenso e a diferença.

6. Estudo do texto "Espaços de debate e consenso" (Recurso de Apoio 1).
7. Pontualizações do facilitador. É importante aprofundar os seguintes aspectos:
 - a significação da linguagem como prevenção da violência e construção da paz;
 - a educação para a paz como espaço do debate argumentativo;
 - o conceito de competência comunicativa como comunicar e comunicar-se;
 - o aspecto da crítica à cultura de violência;
 - a dimensão de construir um consenso para a paz.

Quarto momento: síntese

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

8. Trabalho em pequenos grupos com papelógrafo:
 - Quais os princípios metodológicos para a construção de espaços de debate e consenso para a paz?
9. Plenário.
10. Pontualizações do facilitador.



Quinto momento: reconstrução da prática

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

11. Momento de encontro em pequenos grupos, para, a partir do Recurso de Apoio 3 (Formando grupos e comunidades de paz), identificar ações e dinâmicas que facilitem a comunicação e o debate.
12. Plenário.
13. Pontualizações do facilitador.

Pode-se ler – se houver tempo – ou apontar para uma leitura posterior dos Recursos de Apoio 2 e 3: Organizando oficinas da paz e Dinâmicas de comunicação e debate.

Sexto momento: avaliação

14. Por escrito: cada um escreve no seu diário, as idéias e sugestões trazidas por esta oficina e as perguntas a serem ainda perseguidas.
15. Socialização.

Sétimo momento: confraternização

16. Música “Gracias a la vida”, de Violeta Parra.

Material necessário

1. Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
2. Papelógrafo.
3. Canetas hidrográficas.
4. Aparelho de som e música de fundo.

Bibliografia

- DREW, Naomi. *A paz também se aprende*. São Paulo: Gaia, 1990.
- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. A educação para a paz como exercício da ação comunicativa. In: _____. *Educação para a paz: sentidos e dilemas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2005, p. 259-318.
- HICKS, David (comp.). *Educación para la paz: cuestiones, principios y práctica en el aula*. Madrid: Ediciones Morata, Ministerio de Educación y Ciencia, 1993.



Recurso de Apoio 1: Texto *Espaços de debate e consenso*

Oficina 11

Espaços de debate e de consenso

A palavra, mais que um sopro de voz, é a forma pela qual nos inserimos no mundo e pela qual participamos dele. Daí que a suprema violência é a exclusão da possibilidade de dizer sua palavra e, ao mesmo tempo, onde a palavra é negada, a violência emerge. Como dizia a filósofa política Hannah Arendt (1906-1975), a violência é muda! E muitas das manifestações que rotulamos de violência constituem-se, no fundo, em formas de dizer uma palavra, de maneira que um dos elementos fortes de prevenção da violência é o próprio acesso à palavra. Ao mesmo tempo, a linguagem possui uma dimensão de unificar-nos com os outros e de criar um laço empático entre as pessoas: diz-se que é impossível falar com um inimigo, porque quando o conseguimos ele deixa de ser um inimigo e passa a ser um interlocutor! Reconhecemos o outro quando entramos em conversação com ele, de forma que a essência da palavra é acolhimento, bem-querer e hospitalidade. Para o filósofo Emmanuel Lévinas (1906-1995), a palavra é o ato do homem racional que renuncia à violência para entrar em relação com o outro, de forma que o exercício da palavra é o próprio acontecer da paz.

Por causa do novo arranjo da sociedade global e da aproximação provocada pelo mercado, a comunicação, o comércio e a tecnologia, ninguém pode ter a pretensão de não se chocar com ninguém. Então é impossível negar o potencial de conflito que essa situação impõe. Não é escondendo os conflitos, ou proibindo simplesmente a televisão de passar cenas de violência, que se encontrarão perspectivas para construir culturas de paz. Por outro lado, não se pode negar a força da palavra, caindo na alternativa de conter a violência com o recurso da própria violência. Assim, neste contexto, a linguagem torna-se, por excelência, o lugar de operar a paz. Nela, a cultura de paz encontra um espaço propício para se desenvolver e fora deste âmbito argumentativo não poderá avançar.

A paz somente surgirá se a humanidade concordar em viver em paz. É preciso, então, operar um consenso humanitário para a paz, tal como acontece, por exemplo, com a Declaração Universal de Direitos Humanos. A humanidade não nasceu com esta noção. Ela foi construída através de um intenso e conflitivo processo social até se estabelecer um consenso através dos documentos que foram sendo proclamados. Da mesma forma, a paz, como construção coletiva, não virá por decreto dos poderosos, nem mesmo virá apenas como consequência da audácia dos militantes pacifistas, mas será fruto do estabelecimento de um consenso discutido, conversado, negociado, entre as pessoas.

Uma das características tanto da sociedade, como da escola, é o de não conversar questões que nos dizem respeito, especialmente em relação à temática da violência. Há certo medo de abalar a ordem e o equilíbrio vigente, ainda imperando aquela compreensão de paz como ausência de conflitos e o sentimento de que a discussão perturba o estado da paz. Na escola, quando uma discussão se esboça no ar, ou impera a sentença do professor que dirime tudo e suprime o debate, ou impera a votação, ditadura da maioria que anula o debate. À educação para a paz, nos moldes que se está desenhando, não pode faltar o debate e seus espaços, como fio condutor que conduz seus participantes a aprenderem a debater suas idéias, compreensões, percepções.

Por um lado, é preciso criticar a cultura de violência, na busca do estabelecimento de um consenso sobre como a violência é produzida e expressa pelos diversos agentes da sociedade, construindo um sistema de vigilância e de controle a estes mecanismos. Necessitamos entendermo-nos sobre a violência: a compreensão dos seus mecanismos abre novos horizontes no processo de desconstrução das forças comunicativa que a sustentam. Trata-se, mesmo, de estabelecer um amplo processo de esclarecimento: já que em nós e em nossa sociedade parecem existir também os germes culturais do desentendimento, é necessário colocá-los em cima da mesa, desvelando-os e tornando-os transparentes. Esta auto-crítica cultural apresenta-se como a forma de opor-se ao fascínio e sedução que a violência e a guerra exercem entre nós – o teólogo americano Walter Wink fala mesmo do “mito da violência redentora”, para referir-se a esta crença na possibilidade da guerra e da violência resolverem as questões pendentes.



Por outro, faz-se necessário projetar alternativas e possibilidades, concentrando-se no detalhamento e caracterização da agenda e do projeto da paz. Trata-se, sobretudo, do exercício da imaginação utópica, permitindo um livre olhar sobre a violência e a guerra, não mais como a última palavra sobre a realidade, uma espécie de sentença a qual todos estão condenados. É necessário estimular as pessoas e grupos a defender este projeto, a dar à paz contornos mais definidos, pensando como será a economia da paz, o direito da paz, a política da paz, enfim, confrontando as diversas dimensões da vida humana com a proposta pacifista. Os indivíduos precisam sonhar, dar valor a suas visões e às dos outros, tanto no que se refere a algo pessoal como naquilo que diz respeito à comunidade local ou a todo planeta.

É também importante desenvolver a competência comunicativa, isto é, o desenvolvimento da capacidade de dizer a sua palavra, de comunicar e se comunicar. O que supõe um exercício de superação de todas as coações, tanto externas como internas. Se as ideologias alcançam seu objetivo de impedir que as pessoas enfrentem certos temas, a dificuldade de exporem seus posicionamentos e debaterem um consenso, também constitui-se um obstáculo a ser ultrapassado.

A partir das indicações de David Hicks (1993), complementando-as e adaptando-as do contexto inglês para o latino-americano, podemos identificar dez áreas argumentativas a serem consideradas como relevantes para uma educação para a paz entendida como exercício da ação comunicativa:

- a) Conflito: debate das diversas situações conflitivas contemporâneas, pessoais até globais, assim como das tentativas efetuadas para solucioná-las.
- b) Paz: análise dos diversos conceitos de paz e do trabalho de pessoas e grupos que operam ativamente em prol da paz.
- c) Violência e guerra: compreensão do fato da violência, causas, manifestações e mecanismos, tanto nos indivíduos, nos grupos e no plano global.
- d) Desarmamento: conhecimento do processo armamentista e das questões que envolvem os a redução dos armamentos e a busca de novas formas de defesa.
- e) Justiça e direitos humanos: debate da aplicação e dos mecanismos de implementação da Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- f) Poder: análise dos métodos utilizados por pessoas e grupos para recobrar o poder sobre suas próprias vidas.
- g) Gênero: vinculação entre questões de gênero e produção da violência e construção/manutenção da paz.
- h) Raça e cultura: investigação da pluralidade cultural e dos mecanismos efetadores de discriminação.
- i) Meio ambiente: debate das principais questões ambientais e de suas implicações.
- j) Futuros: compreensão das alternativas para um mundo mais justo e menos violento e dos seus mecanismos de efetuação.



Recurso de Apoio 2: Texto *Organizando oficinas da paz*

Oficina 11

Organizando oficinas da paz

A técnica da oficina é um instrumento usado para que um grupo relativamente pequeno se aproprie de um determinado tema. Segundo o dicionário, é o lugar onde se exerce um ofício. No senso comum, é o espaço de criar, consertar e construir “coisas”, mas é também onde se repassa esta construção, este saber. No caso da oficina da paz, é o lugar de fazer pensar, redescobrir, reinventar novas formas de ver e rever a prática de construção da paz. É um trabalho comum em que todos compartilham e vivenciam idéias, sentimentos e experiências em torno do sonho da paz. O que caracteriza uma oficina é a construção gradativa, pessoal e coletiva. Um roteiro que pode ser seguido:

a) **Integração.** Trata-se de criar uma comunidade de trabalho e convivência, condição indispensável da eficácia da oficina. Muitas vezes, as pessoas que estão na oficina não se conhecem; outras, seu relacionamento é superficial. Daí a importância de realizar uma técnica de integração, possibilitando uma abertura e um espírito de mútua colaboração.

b) **Sensibilização.** O objetivo é ajudar o grupo a entrar no clima do tema escolhido. Por exemplo, uma oficina sobre guerra e violência começou com o grupo olhando a foto de Phan Thi Kim Phuc, feita no dia 8 de junho de 1972, no Vietnã, onde ela aparece fugindo nua diante de um bombardeio de bombas napalm sobre populações civis. Numa oficina sobre minas terrestres, as pessoas foram convidadas a escolher uma de muitas fotos de vítimas de minas e responder a três perguntas: o que sinto? o que sei? o que posso fazer?

c) **Aprofundamento da temática.** Uma vez sensibilizado, o grupo deve ser convidado a entrar mais fundo na questão. Filmes e textos, aqui, podem ser de grande valia. Várias técnicas, como a de distribuir temas a diversos grupos de trabalho, podem ser desenvolvidas para que, num razoável espaço de tempo, se estude verdadeiramente e se descubra todas as nuances da temática.

d) **Síntese.** É o momento central da oficina, sua pedra de toque, quando os seus participantes constroem e sistematizam um saber sobre o tema trabalhado. Aqui, uma pergunta geral sobre a temática pode ser de muita valia. Por exemplo, numa oficina sobre protagonismo infanto-juvenil, os jovens analisaram e debateram várias experiências e trabalhos de jovens na linha da cidadania; depois, foram convidados a escrever num cartaz o que era protagonismo infanto-juvenil.

e) **Reconstrução da prática** É o momento em que os participantes, planejam ações que expressem os conhecimentos adquiridos e que visem contribuir para a realização de transformações sociais, no sentido da solidariedade e da justiça social.

f) **Avaliação.** Como espaço coletivo, a avaliação oportuniza momento dos participantes expressarem seus sentimentos e opiniões, não apenas sobre o modo como a oficina foi desenvolvida, mas sobretudo sobre o sentido e o significado dos procedimentos em suas vidas.

g) **Encerramento e confraternização.** Como celebração da vivência, a oficina se encerra com um momento de confraternização, ao mesmo tempo, alegre e profundo. Dizer os compromissos assumidos, expressar as descobertas e as inquietudes, cantar, através de uma música pertinente, a temática estudada e as perspectivas vislumbradas, possibilitam que a oficina seja integrada pelas pessoas no seu itinerário e percurso pessoal como um momento realmente significativo.

Seguindo esse roteiro básico, pode-se organizar, a partir das finalidades específicas, oficinas de resolução de conflitos, oficinas de desarmamento, etc. O processo quer conduzir especialmente à capacitação metodológica dos participantes dos círculos de cultura da paz.



Recurso de Apoio 3: Dinâmicas de comunicação e debate

Oficina 11

Dinâmicas de comunicação e debate

Pirâmide invertida

O facilitador apresenta a injustiça como uma pirâmide invertida que necessita de pilares para a sustentar. Dado um problema que o grupo deseja analisar, trata-se de imaginar quais sejam estas colunas que sustentam esta realidade de injustiça: quais são, como e de que maneira atuam, a que interesses estão ligadas, quem faz (ou quem mais faz) coisas que permitam que essa situação seja mantida?

Dinâmica das fichas

Os participantes serão divididos em grupos de cinco pessoas. Cada participante receberá uma ficha, devendo responder de maneira simples e objetiva a uma pergunta relacionada com o assunto debatido. O facilitador recolhe as fichas e redistribui numa pilha única com a quantidade exata de uma ficha para cada membro do grupo. Cada participante do grupo recebe a pilha e retira uma ficha, devendo fazer a leitura da resposta do colega, colocando sua posição sobre o que foi lido. É importante ficar claro que a pilha passará pelas mãos dos participantes, cada um na sua vez.

Pretextos e lamentos

Dividir em subgrupos para fazer um levantamento das dificuldades e limites (pessoais, familiares, sociais, políticos) que não permitem ou atrapalham o desenvolvimento de uma cultura de paz. Pedir que cada limite seja escrito numa tira de papel. Depois de apresentados os trabalhos de cada grupo, o plenário identifica aqueles limites que são superáveis a curto, médio e longo prazo.

Problemas relevantes

O grupo coloca-se em pé, num círculo. Espontaneamente, pessoas mencionam em voz alta problemas que as preocupam. Os outros devem responder se também estão preocupados com isto. O modo de responder é não-verbal: quem concorda dá um passo para frente. Quem discorda, volta-se para o lado exterior do círculo. Quem permanece no seu lugar exprime perplexidade, necessidade de tempo para pensar. Alguém deve anotar num quadro os problemas e as respostas.

Rádio local

Pega-se algo que funcione como microfone. Alguém vai ao centro e começa a entrevistar várias pessoas (uma pergunta para cada pessoa) sobre um tema qualquer.

Chuva de ideias

Faz-se uma pergunta clara e precisa que permita aos participantes responder a partir de sua própria experiência. Pede-se a cada participante que expresse sua ideia ou opinião sobre a pergunta. Deve-se aclarar que neste momento não corresponde discutir as ideias que vão surgindo. Anotam-se as ideias ou opiniões que vão surgindo. Uma vez que todos os que queriam tenham opinado, procede-se a releitura das ideias anotadas, tratando de concluir as ideias e opiniões que são comuns ao grupo.